

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Carla Cristina de Almeida Gomes
Orientadora: Professor (a) Jurema Barros Dantas

FORTALEZA
2020

CARLA CRISTINA DE ALMEIDA GOMES

A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Artigo apresentado pela aluna Carla Cristina de Almeida Gomes como exigência para conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará sob orientação da professora Jurema Barros Dantas.

FORTALEZA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A445c Almeida Gomes, Carla Cristina.
A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES / Carla Cristina
Almeida Gomes. – 2020.
27 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. JUREMA BARROS DANTAS .
1. Plantão Psicológico. 2. Contemporaneidade. 3. Clínica contemporânea. 4. Formação
psicológica. I. Título.

CDD 150

CARLA CRISTINA DE ALMEIDA GOMES

A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

The condition of being on duty: challenges and possibilities

La condición de estar de servicio: desafíos y posibilidades

Carla Cristina de Almeida Gomes
Jurema Barros Dantas

RESUMO

Esse trabalho é o resultado da análise da experiência da atuação prática dos alunos de psicologia no projeto Plantão Psicológico vinculado ao LAFES do departamento de psicologia da UFC. Entendendo a prática do plantão como ferramenta importante para a formação do futuro terapeuta e abrangente em suas ações junto à comunidade, torna-se relevante a análise da experiência dos estudantes na condição de plantonistas. Utilizamos 63 relatos, produzidos entre 2018 e 2019. Optamos por um estudo exploratório qualitativo sob a perspectiva fenomenológica, com intuito de uma aproximação da realidade vivida para além da soma das menções dos fatos observados. Os resultados mostraram que o plantão é uma prática diferenciada da clínica tradicional, importante para a formação por contribuir com a experiência prática e a produção efetiva de ações de cuidado, fazendo pensar o fazer psicológico deslocado da rigidez técnica do contexto acadêmico e ainda, como ferramenta de política pública, que abraça diferentes realidades sociais e acolhe diversas demandas clínicas.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Contemporaneidade; Clínica contemporânea; Formação psicológica.

ABSTRACT

This work is the result of an analysis of the psychology students' practical work experience at the Psychological On-Duty Project, coordinated by LAFES and linked to the Federal University of Ceará's Psychology Department. Understanding the on-duty practice as an important instrument for training future therapists while also as an embracing practice for its actions within the community, it becomes relevant to analyze the students' on-duty work experience. We used 63 reports, produced between 2018 and 2019. We opted for a qualitative exploratory study from a phenomenological perspective, with the objective of capturing the living reality, beyond the sum of the mentions of the observed facts. The results showed the Psychological On-Duty is a differentiated practice from the traditional clinic, which is important for training therapists as it contributes to their practical experiences and the effective production of care actions, allowing them to think of the psychological practice displaced from the technical rigidity of the academic context, and also as an instrument for

creating public policies, which embraces the different social realities and welcomes diverse clinical demands.

Keywords: Psychological On-Duty; Contemporaneity; Current clinical trend; Psychology Formation.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado del análisis de la experiencia de la actuación práctica de los estudiantes de psicología en el proyecto Plantón Psicológico coordinado por LAFES vinculado al departamento de psicología de la UFC. Entendiendo la práctica del plantón como una herramienta importante para la formación del futuro terapeuta y amplia en sus acciones con la comunidad, se hace relevante el análisis de la experiencia de los estudiantes de turno. Utilizamos 63 informes, producidos entre 2018 y 2019. Optamos por un estudio exploratorio cualitativo desde una perspectiva fenomenológica, con el propósito de acercarnos a la realidad vivida más allá de la suma de las menciones de los hechos observados. Los resultados mostraron que el trabajo de guardia es una práctica diferente de la clínica tradicional, importante para la formación porque contribuye a la experiencia práctica y a la producción efectiva de acciones asistenciales, haciendo pensar en el hacer psicológico desplazado de la rigidez técnica del contexto académico y también, como una herramienta de política pública, que abarca diferentes realidades sociales y acoge diversas demandas clínicas.

Palabras clave: Plantón psicológico; Contemporaneidad; Clínica contemporánea; Formación psicológica

INTRODUÇÃO

O Plantão psicológico é uma modalidade clínica com foco em atendimento a pacientes em momentos de dificuldades emocionais e sofrimentos intensos e pontuais. O

aluno plantonista, estagiário ou extensionista se coloca à disposição na clínica escola em dia e horário previamente definido para acolher a pessoa que busca o serviço de forma espontânea ou por encaminhamento, acolhendo e intervindo com intenção de que o cliente/paciente possa compreender melhor sua questão e assim encontrar alívio para sua dor emocional. Doescher & Henriques (2012).

O Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade- LAFES vinculado ao departamento de psicologia da Universidade Federal do Ceará inovou em 2015 quando passou a oportunizar aos alunos de psicologia, com vínculo em diferentes instituições de ensino e cursando diferentes semestres da graduação, o espaço da clínica escola para atuarem como plantonistas sob a supervisão da coordenadora do projeto.

A idéia de construir este estudo partiu de experiência prática desta pesquisadora na atuação como plantonista, quando surgiram inquietações acerca de quais percepções e sentidos emergiam aos discentes envolvidos na prática, se havia antes de cada atendimento uma preparação específica ou se a sensação de insegurança que experimentávamos é fruto da pouca experiência em atendimentos clínicos.

Compreendendo que a prática do plantão psicológico se apresenta como parte importante na formação do futuro profissional de psicologia e uma modalidade diversa da prática clínica tradicional, o objetivo geral desse trabalho foi discutir, a partir do método fenomenológico, o sentido dado pelos alunos de psicologia à experiência de ser plantonistas. Como objetivos específicos, buscamos identificar que desafios enfrentaram nessa atuação e que possibilidades surgem a partir da experiência para a sua trajetória acadêmica e profissional na psicologia. A relevância desse estudo se constitui em uma possibilidade de, a partir das informações coletadas, possibilitar maior conhecimento sobre a prática facilitando o desenvolvimento terapêutico de futuros profissionais que queiram atuar nessa modalidade e, a partir da percepção de quem atua oferecer maior qualidade na oferta da escuta para a população que usufrui do serviço.

Assim, foram explorados 63 relatos de experiência, produzidos pelos discentes ao final de cada semestre de atuação, englobando os anos de 2018 e 2019. Estruturamos a seqüência dessa pesquisa com um breve histórico sobre plantão psicológico e sua relevância na contemporaneidade em seguida, discorreremos sobre as especificidades dessa modalidade clínica e o que a faz diversa da prática psicológica tradicional, depois trouxemos à tona algumas condições ou características necessárias para atuação do terapeuta na condição de plantonista. Os resultados foram descritos em categorias que representaram o sentido geral da experiência vivida a partir de eixos centrais definidos pelo pesquisador que foram discutidas e problematizadas ao longo do estudo.

Com a definição das categorias “Contribuição efetiva para a formação do futuro profissional”, “Intensa disponibilidade para cuidar”, “A cada demanda, o inesperado”, “Plantão psicológico como política de cuidado efetivo à comunidade”, “Tempo, uma nova experiência” e “Relação terapêutica única”, esperamos alcançar o objetivo de demonstrar o sentido global atribuído pelos alunos plantonistas a essa experiência prática de atuação.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo qualitativo, realizado a partir do método fenomenológico hermenêutico, onde foram estudados 63 relatos de experiência, produzidos pelos plantonistas/extensionistas, ao final de cada semestre de atuação no projeto Plantão Psicológico do Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade LAFES, vinculado ao curso de psicologia da Universidade Federal do Ceará entre os anos de 2018 e 2019.

Os estudos fenomenológicos surgiram no início do século 20, idealizado pelo filósofo e matemático Edmund Russel como uma forma crítica de pensar a realidade e diferente dos métodos psicologistas e positivistas que embasavam as pesquisas da sua época. A fenomenologia pode ser entendida como aquilo que se mostra a consciência, ou seja, compreender os discursos da realidade e quais sentidos atribuídos a ela pelo sujeito. A pesquisa qualitativa por sua vez, permite que sejam feitas coletas de dados de diversas formas como transcrição de entrevistas, registros de observação ou relatos de experiência, algumas características desse método foram cruciais para nossa escolha na forma de análise, como por exemplo ser a fonte direta dos dados da realidade e expressos em palavras proporcionando maior entendimento do fato o que não teríamos com números e por servir para análise de processos e não apenas do resultado final o que possibilita a compreensão do significado da narrativa.

Assim, nosso objetivo não foi descrever fatos da experiência vivida, mas o sentido que os alunos atribuíram a esses fatos. Observar um fenômeno por essa lente exige do pesquisador abertura para a expressão da alteridade dos envolvidos, porém, apesar de colocar seus *a priori* em suspensão, ele não é isento ao fenômeno e ao público estudado, pois quando narra essas experiências, também deixa sua subjetividade nos achados fazendo surgir uma intersubjetividade pesquisador e pesquisados típica do método qualitativo de análise. Andrade, (2005)

Este estudo foi baseado na metodologia apresentada por GIORGI (2004) e desenvolvida por MINAYO (2012), seguindo etapas de análise que serão a partir de agora descritas. A etapa1 foi nosso primeiro contato com o material que se deu a partir de leituras

individuais a fim de nos aproximarmos do conteúdo expresso, em seguida, releituras sucessivas e ainda de forma individual de cada relato foram realizadas ao passo que fomos permitindo-nos a partir do recurso da impregnação, apreender partes significativas dos relatos, na etapa 3 começa a fase de interpretação onde as partes grifadas foram agrupadas por similaridade ou complementaridade chegando às unidades de sentido donde passamos não mais a estudar relatos individuais, na etapa 4 a partir da perspectiva fenomenológica, as unidades de significação foram então interpretadas e analisadas donde definimos categorias que pudessem representar os sentidos dados pelo grupo a experiência de ser plantonista e na fase 5 de análise propusemo-nos a uma triangulação destas, com pressuposto teórico de autores da fenomenologia e estudiosos do tema plantão psicológico. Dessa forma, iniciamos com relatos individuais da experiência, agrupamos as unidades de sentido do vivido pelo grupo e depois definimos e analisamos as categorias.

Giorgi e Sousa (2004), Andrade, (2005), Martins e Neves (2017), Buffon, Martins e Neves (2017), Minayo (2012).

A fim de ilustrar melhor as etapas trabalhadas, elaboramos abaixo um quadro demonstrativo:

| | |
|--------|---|
| Etapa1 | Contato inicial com o material a partir de leituras individuais respeitando o conhecimento e a familiarização com o conteúdo expresso. |
| Etapa2 | Segunda e terceira leituras dos relatos ainda de forma individual, sem análises ou interpretações, mas, buscando agrupar partes significativas à medida que forem surgindo; |
| Etapa3 | Fase de interpretação e agrupamento das partes significativas por similaridade ou complementaridade. No método fenomenológico essa análise nos leva às unidades de sentido que serão a partir de agora a base da análise no trabalho afastando o pesquisador da observação dos relatos individuais para a expressão do grupo. |
| Etapa4 | Após agrupamento das unidades de sentido, definimos categorias abrangentes o suficiente para contemplar os sentidos que o grupo deu a experiência empírica. |
| Etapa5 | Discussão teórica a partir de bibliografia sobre o tema e estudiosos sobre plantão psicológico. |

CONTEXTO HISTÓRICO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO E RELEVÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O Plantão psicológico é uma modalidade clínica, com foco em atendimento a pacientes que passam por momentos de crises emocionais e sofrimentos intensos e que procuram o serviço de forma espontânea ou por encaminhamento de outros equipamentos de saúde. Surgiu na década de 1970, no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), vinculado à Universidade de São Paulo e idealizado pelo doutor Oswaldo de Barros Santos e coordenado pela Professora (a) Raquel Lia Rosemberg, essa modalidade foi inspirada em uma prática norte americana de atendimento psicológico, imediato e aberto a comunidade, a *Walk-in clinics*. A proposta inicialmente estava embasada na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers e se configurou como uma possibilidade de acolhimento a comunidade, que buscava o serviço para expressar seus sentimentos e também, como um espaço que passou a proporcionar oportunidade de estágio aos alunos de psicologia da disciplina de aconselhamento psicológico. O nome plantão no início indicava a condição de disponibilidade do aluno que ficava a espera do cliente, indicando que os atendimentos eram ofertados a quem buscava pelo serviço de forma espontânea e sem agendamentos prévios independente da faixa etária ou condição financeira, eliminando assim a formação de filas de espera sem, contudo, se concentrar nos atendimentos de demandas reprimidas. Mahfoud(2012);Furigo e cols. (2008); Martins e Paparelli, (2007); Doescher& Henriques(2012); Souza, Silva Filho e Montenegro, (2015).

Entre 1970 e 1980 o modelo se expandiu no Brasil e nos Estados Unidos, e passou a ser tema de discussões por autores da psicologia sobre sua eficácia e em 1987, o professor Miguel Mahfoud do departamento de psicologia da USP, sistematizou o serviço em diferentes contextos, todo esse esforço rendeu a essa modalidade clínica o merecido reconhecimento e consolidação como clínica eficaz para atendimentos de urgência psicológica. Nesses quase 50 anos de idealização, a prática do plantão psicológico já foi implantada em várias clínicas escola de psicologia em universidades públicas e privada no Brasil e vem se solidificando como uma opção eficaz para o cuidado emergencial de forma mais próxima da comunidade em outros contextos, como escolas, hospitais e clínicas, deslocando a idéia elitista do fazer psicológico e ainda surgindo como prática importante para a formação do futuro terapeuta que tem a oportunidade de entrar em contato direto com o sofrimento humano, amadurecendo seu fazer clínico e compreendendo a importância de estar disponível ao outro, suspendendo seus *a priori* para se aproximar de fato daquele que sofre.

Em uma época que o homem experimenta novas formas de se relacionar com o tempo, com as pessoas e com seus próprios sentimentos colocando em segundo plano sua subjetividade, o plantão psicológico surge como possibilidade de cuidado da urgência, torna-se uma modalidade clínica que supre a pressa, que por sua intensidade na escuta também proporciona ao cliente um intenso encontro consigo mesmo, constituindo uma relação terapêutica que funciona numa lógica diferente da clínica regular afastando-se do movimento de aprofundamento de questões existenciais para um alargamento da visão do cliente frente a seu sofrimento. O plantão se compromete com a ética do cuidado afastando o terapeuta de apenas cumprir procedimentos técnicos, atuando com uma escuta genuína da demanda que chega iluminando com as teorias psicológicas mas sem objetivo de enquadrar o sujeito em uma definição estática de comportamento. Rebouças e Dutra (2010); Mahfoud (2012); Furigo e cols. (2008); Martins e Paparelli (2007); Doescher & Henriques (2012); Souza, Silva Filho e Montenegro (2015).

Na Universidade Federal do Ceará, o plantão psicológico foi inaugurado na clínica escola da universidade através do projeto de extensão LAFES (Laboratório de estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade) em agosto de 2015 onde extensionistas e estagiários após capacitação, iniciam a prática dos atendimentos sob supervisão da coordenadora do projeto que realiza os atendimentos às terças feiras em dois turnos, manhã e tarde.

CONTEXTUALIZANDO O PLANTÃO PSICOLÓGICO

A palavra plantão está associada a serviços prestados por profissionais que se mantêm a disposição de quaisquer pessoas que deles necessitam no momento em que necessitam. Uma metáfora de plantão citada por Barra (2012) ilustra a idéia do que seja plantão, para este autor, a palavra plantão pode ser entendida como “planta grande” que fornece “sombra” àquele que esteja exausto em sua caminhada para recuperar-se e depois seguir em frente. O modelo de plantão psicológico nos remete a essa idéia, o cliente busca o serviço para atendimento de uma questão específica, por não funcionar com filas de espera ele é atendido no momento em que busca o serviço sem determinação de tempo para a escuta uma vez que a relação terapêutica no plantão não se baseia no planejamento, mas, construída à medida que o encontro se desenrola, podendo durar de minutos a horas e com possibilidade de que seja único, se considerado pelo cliente/paciente que foi suficiente para responder aquilo que ele buscou no serviço e caso ainda seja necessário, poderá haver um acordo pactuado entre cliente e terapeuta para um plano terapêutico de curta duração com até quatro encontros ou o encaminhamento para outro serviço externo ao plantão.

O terapeuta é convidado a deslocar-se de seu lugar conhecido de atendimento para pensar novos locais e formas de atuação e, além disso, solicitando uma abertura a novas possibilidades de atendimento permeadas por demandas até então distantes de sua realidade e bastantes diversas daquelas até então conhecidas no contexto acadêmico.

Atender em plantão psicológico abriu a possibilidade dos futuros profissionais de desprender-se da idéia de cura, de focar no aprofundamento de questões existenciais para se dedicar a proporcionar ao cliente autonomia e responsabilidade por suas escolhas, intervindo para facilitar o alargamento da visão do cliente/paciente frente à sua problemática que é considerada como sofrimento humano sem necessariamente ser rotulado com um diagnóstico. Para, além disso, considerando que o sujeito não está isolado no mundo, suas questões passam a ser consideradas como parte de sua história de vida, sua cultura ou contexto social.

O plantonista então se coloca em abertura para um novo fazer psicológico através de indagações que facilitem ao cliente/paciente elaborar novos sentidos sobre a sua dor, acolhe de forma empática e incondicional focando sua escuta no sofrimento e não na descrição dos fatos que o cliente narra, deslocando-se da posição de saber e da busca de respostas que generalizam o sofrimento e aprisionam o sujeito. Enquanto suspende as teorias aprendidas na academia para de fato ouvir o cliente, o terapeuta deixa sua presença genuína no encontro abstendo-se de buscar respostas enquanto escuta narrativa. Mota e Goto (2009), Mahfoud (2012); Barra (2012); Tassinari e Durange, (2011).

Plantão Psicológico não se confunde com triagem em psicologia, que de acordo com Rocha (2019) consiste em coleta de dados pessoais e queixas apresentadas para um breve diagnóstico para posterior atendimento, procedimento que contribui para o aumento das filas de espera e a possibilidade de agravamento da situação afastando-se do conceito de plantão psicológico.

Procura espontânea do serviço, sem agendamentos prévios, sem distinção de faixa etária ou condição financeira, útil para as mais variadas demandas, sem definição prévia do tempo do encontro ou local físico para acontecer e que proporciona escuta especializada produzindo formas de cuidado para a construção da autonomia do cliente/paciente, são características que fazem dessa modalidade um serviço diferente da prática da psicoterapia convencional, que trabalha numa lógica vinculada ao espaço físico de consultório, com agendamento prévio e consultas previamente esquematizadas.

O modelo de atendimento do plantão psicológico não compete com o modelo de clínica convencional compreendendo que existem casos que necessitam de aprofundamentos de questões existenciais, mas nos casos que podem ser ouvidos em encontros breves e imediatos que proporcionem alívio da dor emocional ao cliente/paciente,

contribui de forma positiva para a saúde mental da população e para evitar que a dor se torne crônica comprometa a qualidade de vida do sujeito e sobrecarregue os serviços públicos de saúde mental.

Barra (2019); Mahfoud(2012); Tassinari e Durange(2011).

PROBLEMATIZANDO A CONDIÇÃO DE SER PLANTONISTA

Se pensarmos a clínica psicológica a partir de parâmetros biomédicos, o profissional de psicologia deveria oferecer cura às pessoas com doenças mentais e entendemos que os alunos de psicologia trazem essa idéia de que deverão ter respostas aos pacientes, definindo diagnósticos e propostas de cura, sob pena de não ser considerado um bom profissional. Paparelli e Martins (2007)

O plantão psicológico tem uma lógica diferenciada de trabalho e ao atuar como plantonista, o profissional é levado a repensar sua prática chegando mais próximo do sofrimento do cliente/paciente, diante desse inédito cenário o aluno deverá exercitar uma abertura ao novo, ao desconhecido, podendo sentir-se frustrado e confuso sobre aquilo que julgava entender de psicologia.

Na prática clínica do plantão, o exercício de espera ao não conhecido é constante porque em que pese dominar teorias e procedimentos, o plantonista a cada encontro estará em uma relação única e nunca estará pronto completamente para o atendimento já que a lógica dessa modalidade é a promoção de cuidado que só se efetiva na presença do outro a cada encontro.

Rogers (1977) idealizador da Abordagem Centrada na Pessoa aponta, que esse comportamento de ser empático e estar disponível ao outro, facilita mais o acesso ao mundo do cliente do que tentar aplicar o conjunto teórico e técnico que o profissional detém.

Considerando que a formação acadêmica tenha em suas bases o ensino de técnicas e procedimentos que enquadram o sujeito numa lógica de saúde e de comportamento, ser plantonista se torna um desafio no sentido de fazer repensar a prática psicológica objetivando conhecer o sentido da experiência e promovendo ao cliente autonomia e responsabilidade sobre si para que busque novas possibilidades para lidar com a sua problemática concretizando assim o cuidado terapêutico genuíno.

Barra (2012); Mahfoud (2012); Doescher e Henriques, (2012).

Ao se colocar numa posição de espectador frente à historicidade do cliente/paciente, o terapeuta deve sentir-se confiante da eficácia do plantão e de suas intervenções, sem, no entanto assumir para si o papel de resolução do problema do outro sob pena de impedir que aquele que procurou o plantão encontre seus próprios meios de crescimento emocional.

Atuar como plantonista então, se coloca para além do cumprimento de formalidades acadêmicas, mas, como uma real mudança de postura social e pessoal do aluno frente ao seu cliente/paciente, levando-o a desconstruir sua concepção sobre tempo de atendimento, dimensão relacional com o cliente e principalmente de seu papel no processo que é de facilitador e não curador.

Barra (2012); Paparelli e Martins (2007); Mahfoud (2012); Perches,(2013).

RESULTADOS

Os achados neste estudo resultaram em seis categorias que serviram para traduzir o que seja a condição de ser plantonista, vale ressaltar que são resultados do agrupamento de unidades de significação que foram destacadas a partir de perspectivas de investigação do pesquisador. Por ser uma análise fenomenológica hermenêutica não se esgota em um único resultado, portanto, fica a possibilidade de que, em outro momento, outras interpretações possam ser realizadas com base no mesmo material empírico. As categorias foram pensadas de modo a ser abrangente o suficiente para descrever nossa interpretação sobre a experiência do aluno na atuação do plantão e os sentidos que o grupo deu a esta experiência e a análise teórica foi baseada em textos de autores da perspectiva humanista fenomenológica e de estudiosos sobre o tema, sendo que e em alguns momentos, nos valem de trechos dos próprios relatos dos alunos para ilustrar a experiência, sinalizando com as letras RE seguida de numeração definida pelo pesquisador para cada estagiário/extensionista de modo a resguardar o sigilo.

Em nossa análise, tentamos responder como foi para o aluno graduando de psicologia, atender como plantonista durante sua formação, questionamo-nos quais os desafios enfrentados, quais suas aprendizagens e se houve por parte dos alunos preparações prévias que lhes dessem mais segurança nos atendimentos, ou seja, inquietações que propusemos no início deste trabalho.

DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS

1 Contribuição efetiva para a formação do futuro profissional

A categoria formação revela que os alunos extensionistas/plantonistas compreenderam que o exercício do papel de plantonista foi importante para sua formação profissional, no entanto, percebemos que por trás dos relatos deslumbrados com a atividade, encobriu-se certa fantasia em relação à profissão escolhida e que ao exercerem a atividade

prática de contato com o sofrimento, certezas se transformaram em dúvida e abriram novas possibilidades de pensar a prática psicológica, o que valorizou ainda mais a experiência no papel de plantonistas.

O serviço de psicoterapia então passa a ser pensado desvinculado do local físico de atuação e do cumprimento de normativas, rompendo com a influência dos padrões da ciência biomédica de atendimento, que valoriza o saber técnico com aplicação de procedimentos e a busca de diagnósticos e a cura e colocando o profissional distante nessa relação.

Não há de se ignorar que desde sua regulamentação, foram registrados avanços na prática psicológica, porém, como a academia se mantém numa perspectiva conservadora, essas tecnologias se perdem, causando desencontro entre as diversas demandas do homem contemporâneo e àquilo que a formação ensina aos futuros psicólogos. A sociedade moderna clama por profissionais que estejam atentos ao sentido dado às experiências, que esteja disponível para uma escuta verdadeiramente empática, não se restringindo a espaços físicos para exercer seu papel, pois o psicólogo é cobrado ao encontro, para acolher e promover cuidado a partir da singularidade do outro levando em conta sua historicidade e contexto social abstendo-se de valorizar o seu saber mais que o sujeito que sente.

Rebouças e Dutra (2010); Ruda, Coutinho e Almeida Filho (2019).

O plantão psicológico, objeto de nosso estudo, cumpre com a condução prática dessa premissa, ao entrarem em contato com o sofrimento do cliente/paciente, perceberam a intensidade de atuar como plantonistas e o quanto a prática pôde contribuir para seu desenvolvimento profissional, apontaram que ao longo dos atendimentos, houve notório amadurecimento do fazer psicológico, que a modalidade ofereceu a oportunidade e a responsabilidade de um mergulho na relação terapêutica, que a supervisão, que aconteceu em grupo, aprimorou a construção dos saberes, potencializando ao extremo o aprendizado e fazendo-os perceber que a teoria por si só não faz com que se sintam de fato terapeutas e que tal aprendizado não seria possível em sala de aula. Abaixo o relato de um aluno que ilustra o que estamos discutindo:

RE 01: *“... estou aprendendo muito, principalmente nas supervisões, que vejo a junção da teoria com a prática...”*

A clínica verdadeiramente comprometida com as pessoas busca novos sentidos, ousa, arrisca e inventa no acolhimento às subjetividades, estando sempre em transformação e em movimento, na contemporaneidade, a clínica psicológica deve proporcionar o trânsito entre os saberes teóricos e práticos, estabelecendo cuidado integral ao cliente/paciente, o plantão psicológico, de acordo com nossas interpretações e leituras sobre o tema, surgiu

nos relatos como oportunidade de atuação prática, mas para, além disso, como um espaço de oportunidade para o aluno abrir-se ao novo e de reinventar sua aprendizagem para além da ampliação de teorias e práticas, mas compreendendo aspectos intelectual, afetivo e visceral do estagiário.

Rebouças e Dutra (2010), Araújo e cols. (2015), Mota e Goto, (2009).

Alguns trechos das narrativas dos próprios estagiários nos auxiliam a perceber a dimensão dessa experiência:

RE 44: *“... por mais que se tenha um bom suporte teórico sempre é algo surpreendente a experiência do plantão...”*

RE 30: *“(...) valorizo os detalhes de cada experiência como plantonista, sabendo que a cada atendimento e supervisão, estou sendo amparada para tecer a minha própria trajetória no exercício da psicologia (...)”*

2 Intensa disponibilidade para cuidar

O filósofo alemão Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, define cuidado como modo de ser do Dasein. Dasein é um termo usado pelo autor para descrever a realidade humana, o ente humano a quem o Ser pode se abrir. Cuidado, consiste na condição que o humano tem de compreender-se a si mesmo como lançado num mundo de possibilidades e, portanto, inacabado. O homem só existe em relação com outro Dasein, e é assim, na relação, que o Ser é cuidado, ou seja, cuidado não é algo aprendido, não é um ato. Observamos que o aluno chega ao plantão psicológico com bastante disposição para prestar um bom atendimento e para isso, não poupa esforços em buscar leituras, discussões sobre os casos e outras ferramentas preparatórias. O cuidado para o acadêmico nos leva a crer que significa conhecer e dominar as técnicas e teorias para quando for solicitado a cuidar, possa dar respostas baseadas em seu conhecimento adquirido, ao entrar na sala de atendimento e se ver diante de alguém que traz uma demanda de intenso sofrimento, os alunos relataram que muitas vezes não sabiam o que dizer ou o que fazer, ainda que tivessem dedicado tempo de estudo ou participando de discussões na supervisão.

Na atuação, o plantonista é colocado de frente a outro Dasein antes mesmo dele próprio se dar conta que é um Dasein e que a relação existirá acontecendo, que o plantão psicológico é um acontecimento, portanto inacabado e que ambos estão em relação de cuidado e diante de possibilidades de vir a ser. Emerge nos relatos a intensidade do momento em que o acadêmico se dá conta dessa realidade e percebe que não estará pronto em nenhum atendimento, pois cada encontro é único e novo ainda que, com a mesma

pessoa porque ambos são movimento. Essa percepção abre ao terapeuta a liberdade e responsabilidade de ser autêntico consigo mesmo compreendendo que tanto ele como o paciente/cliente a sua frente, possuem capacidade de mudança e reequilíbrio frente suas questões emocionais e que são impelidos a responsabilizar-se por sua existência:

EP 7: “... ser plantonista significa acima de tudo, estar presente. É se doar no momento do atendimento, para acolher da melhor forma possível o sujeito que está na sua frente, compartilhando sua dor.”

Esse movimento desloca o terapeuta da concepção de que cuidar seja algo ensaiado e aprendido, e passa a ser cuidado na relação à medida que esteja em presença genuína e interessada no outro, além disso, compreende que o aporte teórico é importante na função de iluminar o sentido dado a narrativa da experiência que o cliente traz, mas não para defini-lo ou enquadrá-lo em um modelo padronizado de comportamento.

Heidegger (2015); Lessa e Novaes de Sá (2006).

Os alunos narram em seus relatos o dar-se conta de sentir-se presente na relação terapêutica, um processo que aconteceu com a experiência do plantão potencializando o aprendizado de sala de aula:

RE 6: “A abertura necessária ao plantonista o aproxima do não dito, por vezes sufocado entre as características médicas e diagnósticas que, na contemporaneidade, marcam o indivíduo e, por vezes, o limitam.”

EP39: “... ser plantonista é ser atravessado pela sensação de entrega de estar disponível para aquele que demanda atenção, sem estar voltado apenas para um possível transtorno ou diagnóstico, mas sim para a construção de sentido a partir dessa demanda...”

3 A cada demanda, o inesperado.

O termo “inesperado”, por si só pode causar incômodo, se algo não está previsto, não é esperado, impede que haja preparação prévia para o acontecimento. E foi esse o sentimento percebido nos relatos de experiência, os alunos apontam medo e insegurança que experimentaram a cada atendimento no plantão.

Medo por sua vez, é uma emoção inata ao humano e importante em momentos que ele se percebe em situações de ameaça ou que entende não ter controle, causando a sensação de insegurança. Na fenomenologia, medo é uma disposição afetiva, um modo

existencial básico inerente ao Dasein porque é lançado num mundo de possibilidades desconhecidas e por serem desconhecidas são consideradas ameaças. Heidegger, (2015) p. 202. Se medo é inerente ao Dasein, buscar a idéia de controle é algo ilusório já que ser Dasein é estar imerso num mundo de possibilidades, de ter a existência sempre como um devir. Assim, o desconforto de não saber o que surgiria pressupõe que em algum momento o estagiário entendeu que pudesse controlar o encontro e ao perceber que não é possível, sentiu-se destituído de seu lugar de saber, fazendo surgir sentimentos de impotência frente ao inesperado:

RE 18: *“... o terapeuta se joga na experiência, se abre para o contato com o outro e deixa o fenômeno emergir. Na prática isso me angustiou bastante de início...mas uma angústia potencializadora, passei a enxergar meu curso de outra maneira depois dessas experiências.”*

Por não deter o controle daquilo que julgava poder controlar, restou ao aluno aprimorar sua escuta e se colocar de fato presente no encontro, considerando que o momento é construído à medida que a sessão se desenrola, essa disponibilidade radical ao inesperado faz surgir abertura genuína ao outro e disposição autêntica para o cuidado, uma vez que se liberta da obrigação de dar respostas prontas ao cliente, o terapeuta fica livre para a experiência do atendimento que poderia ser sufocado se encoberto por teorias e procedimentos a cumprir por isso não escolher quem vai atender e não conhecer a demanda com antecedência faz da experiência do plantão ser tão intensa.

Lessa e Novaes de Sá (2006); Heidegger (2018).

Nos relatos de experiência, os alunos narram o seu desconforto, mas, emerge como fenômeno o mergulho que fizeram na relação com o cliente, o plantonista então se dá conta que a relação não é de mão única saindo dele em direção ao cliente, mas, um encontro de um Dasein com outro Dasein, um humano frente a outro ser humano:

RE 38: *“Não é fácil encontrar a palavra certa para falar, a expressão certa para dizer, a postura corporal a comunicar. Mas sinto não sucumbido ao próprio ego quando as coisas foram bem e nem fracasso quando escolhi a pior estratégia... a verdade é que preparação teórica, embora crucial, não nos prepara para o plantão.”*

RE 2: *“... essa experiência vem me colocando de frente com uma amplitude de subjetividades e situações inesperadas que exigem uma constante reflexão e busca de elementos que me auxiliem na prática.”*

Quando um paciente chega ao plantão psicológico não espera fazer discussões teóricas ou filosóficas sobre sua situação, espera sim, encontrar alguém que possa ouvi-lo em sua dor, que compreenda e acolha seus sentimentos que naquele momento representa um desmoronamento de seus próprios recursos, cabe ao plantonista então compreender que a prática não se traduz em responder a uma demanda, mas acolhê-la para que a pessoa reconstrua a partir de si mesma nova estratégia para sua própria história. Breschigliari e Jafelice (2014); Doescher e Henriques (2012); Chaves e Henriques(2017); Souza, Silva Filho e Montenegro (2015); Rocha (2011); Heidegger(2018).

4 Plantão como política de cuidado efetivo para a comunidade

Em nossa contextualização sobre plantão psicológico, enfatizamos a importância de o profissional estar atento à realidade social e demandas da sociedade contemporânea.

A psicoterapia é um serviço que, pelo investimento semanal necessário ao tratamento se torna inacessível à maior parte da população que em caso de sofrimento, busca auxílio psicológico para suas questões emocionais nas unidades de saúde pública que, por não dispor de recursos pessoais suficientes acabam priorizando casos mais graves aumentando as filas de espera e contribuindo para que casos que pudessem ser resolvidos com brevidade através de uma escuta especializada acabem, pela demora no atendimento, tornando-se crônicos e graves.

O plantão psicológico, por ser uma modalidade que atende o cliente/paciente no momento em que procura, tem se mostrado uma importante ferramenta para promoção de saúde mental, funcionando como política pública de inclusão das diversidades e situações em que a prática convencional não alcança. Na clínica escola ou em outros equipamentos de saúde o plantão vem contribuindo para evitar o aumento das filas de espera podendo ser uma modalidade que em conjunto com o serviço público de saúde mental, aumenta os recursos humanos, alcançando um maior numero de pessoas disponibilizando cuidado no momento de crise através de escuta especializada e ainda, proporcionando ao aluno de psicologia a oportunidade de atuação pratica emais próximo da realidade social e contemporânea da comunidade que geralmente estão perpassadas por questões relacionadas à realidade em que as pessoas vivem.

A modalidade do plantão psicológico não surge como proposta única para acolher todo tipo de demanda, tampouco como substituição à psicoterapia convencional de

consultório particular, mas, através das clínicas escola, aproximarem a comunidade e oferecer acesso a um serviço psicológico de qualidade.

Rebouças e Dutra (2010); Gonçalves, Farinha e Goto (2016); Vieira e Boris (2012); Paparelli e Nogueira(2007); Gomes (2012), Linares (2001), Lessa e Novaes de Sá(2006).

As descrições da experiência contempladas nessa categoria são de satisfação e entendimento do aluno que percebe através da sua prática, que tem um papel transformador da realidade social, relatam que a experiência os fez ampliar a visão da importância do fazer psicológico para a promoção de qualidade de vida da sociedade, relatam ainda que pela diversidade de demandas e peculiaridades da realidade vivida pelos clientes puderam desenvolver habilidades clínicas, ajustando-se as necessidades e adequando vocabulário para que se fizessem compreendidos pelo cliente, intervenções concretas na direção da promoção de saúde e autonomia e um esforço contínuo para que o encontro fosse de fato acolhedor ao paciente:

RE 02: “... o plantão psicológico desconstrói a vertente tradicional socialmente restritiva da clínica psicológica dando amplitude à psicologia como uma modalidade profissional dinâmica e contextualizada no âmbito social...”

Essa categoria se tornou peculiar para nossa análise, pois apesar dos alunos perceberem o papel social e transformador da prática psicológica, chama atenção o fato de pensar que apenas ao viver a experiência do plantão é que os acadêmicos tenham se dado conta do papel da psicologia na sociedade, aparece nas narrativas como algo inédito levantando questões sobre como a academia tem pensado nessa temática e se a formação acadêmica não tem sido em maior ou menor grau mais focada em lançar no mercado profissional mais preocupado com técnicas de atendimento do que de fato ocupados com as realidades humanas.

Vejamos mais alguns relatos que ilustram essa vivência:

RE 29: “... *estar no plantão psicológico também se torna importante por promover o profissional em formação uma possibilidade de contato com a comunidade... presenciando o sofrimento que essas temáticas que são intrinsecamente contemporâneas trazem, mas ainda assim notando o quanto é perpassado pela cultura e situação sócio político e econômico local.*

RE 31: “o que foi possível notar nos atendimentos... é a incapacidade de lidar com exigências do contemporâneo além da

alienação de si mesmo na busca por um desempenho e eficiência inalcançáveis.”

5 Tempo, uma nova experiência

O tempo cronológico pode ser compreendido como um intervalo definido que tem duração, continuidade e sucessão, certamente para falar da experiência humana, essa definição não nos basta. O tempo vivido talvez possa nos servir melhor para compreender a busca e a intensidade dos encontros do plantão psicológico, um tempo que se relaciona com a experiência humana do existir, nesse campo, quinze minutos cronológicos podem ser de muito aprendizado, de grande alívio ou intermináveis, a depender da experiência vivida, trata-se de algo subjetivo, não mensurável e que só existem para o sujeito, fazendo coexistir presente, passado e futuro no agora e ter velocidade e intensidade, características que se diferenciam de acordo com a situação e sentimento experimentado.

Para o professor Miguel Mahfoud, a forma de enfrentar a problemática trazida pelo cliente, se definirá no próprio processo de plantão e com a participação efetiva de ambos, sem tempo determinado, já que se trata de um processo, característica diversa da clínica tradicional de psicologia em que está bastante solidificada a idéia de sessões esquematicamente programadas e planejadas com tempo em média de 50 minutos. Por estar solidificada também entre os acadêmicos, a experiência de um atendimento sem tempo definido trouxe angústia aos alunos.

As narrativas tentam descrever momentos em que os alunos não sabiam se era o momento de encerrar a sessão e ao encerrar, muitos questionamentos se o tempo foi suficiente:

RE 07: “... um dos desafios que encontrei no plantão foi o tempo, que às vezes me parecia ser tão pouco e às vezes parecia ser uma eternidade. O medo de que um único atendimento não fosse suficiente para acolher e dar suporte ao outro, medo de que poucos minutos fossem inúteis para ajudar ou que muito tempo na sala estivesse sendo mais desgastante que um alívio.”

Fica claro que os estagiários estavam no tempo vivido, mas buscavam resposta no tempo cronológico. Analisar a questão do tempo da sessão, nos fez compreender que a clínica psicológica não se sustenta em protocolos a serem seguidos e limites de tempo a ser contados, mas, no verdadeiro acolhimento do sofrimento e durante a experiência como plantonistas, os alunos percorreram um processo de familiarização com a idéia de que o sofrimento não pode mensurado ou cronometrado e puderam experimentar através de suas

próprias experiências de tempo na sessão. Para além da desconstrução de que a clínica se faz com determinado tempo e em local o plantão psicológico também desconstrói a idéia de que a clínica se faz amanhã, o plantão é a experiência de urgência no tempo porque traz de uma forma visceral o fato de que a clínica não trabalha com garantias de que o paciente volte então essa urgência de tempo é o que proporciona a radicalidade na experiência clínica:

RE14: “... mesmo com encontros incertos e durações variáveis, ainda é possível que este serviço encontre como um espaço de criação de afetos que mobilizam sujeitos, podendo ser o início de um processo de autoconhecimento...”

Se entender plantão psicológico é entender disponibilidade, não contar com um tempo exato de atendimento ou com o amanhã para o cuidado é por si só terapêutico à medida que coloca ao plantonista a possibilidade de abertura autêntica e genuína para a condição da existência do outro.

Outros trechos dos relatos podem ilustrar essa experiência com o tempo:

RE 33: “... percebi a influência da variável tempo na sessão... os melhores elementos foram por ele explicitados após tentativas de encaminhar a um fechamento... destaca-se assim a potencialidade do inesperado e da característica temporal do plantão.”

RE40: “... mesmo atendimentos únicos foram capazes de se mostrar completos, dentro da situação trazida pelo cliente como emergencial... elementos como vinculação, adesão ao acompanhamento, re significação, são possíveis nessa modalidade.”

6 Relação terapêutica única

Na perspectiva fenomenológica, o homem não possui essência antes de sua existência real e concreta estar no plantão psicológico impõe ao terapeuta uma aceitação incondicional e empática dessa condição, um convite radical a suspensão de *a priori* e julgamentos, a atitude fenomenológica. No ensinamento de Martin Heidegger, o humano existe em relação com outro ser humano, e que é inerente a essa condição humana o cuidado no sentido de preocupação com o outro não se ocupando da questão do outro, ação que priva o cliente do encontro consigo mesmo, preocupação enquanto disponibilidade de ouvir e proporcionar autonomia para que o paciente se de conta que também é Dasein, além disso, as perspectivas teóricas de forma geral possibilitam a discussão em determinado

campo de conhecimento de forma que todos compreendam a comunicação, mas não devem encerrar a explicação da realidade humana em conceitos por incorrer em distanciamento do sentido vivido e afunilar a percepção de outras possibilidades de existir.

Dito isso, conclui-se que a relação terapêutica no plantão psicológico não se aproxima de um encontro técnico, mas do encontro de Dasein, encontro de realidades humanas. Talvez seja mais claro dizer que, na relação terapêutica, quando a pessoa procura o plantão psicológico e traz uma emergência, é porque sozinha não está conseguindo alcançar uma visão ampla da situação a qual está passando, ainda que para o terapeuta pareça óbvia a resposta, a dor e sofrimento impedem que o paciente enxergue outras possibilidades de existir, por isso o compromisso do plantonista em estar genuinamente presente no encontro para, a partir de sua humanidade acolher outra humanidade.

Até aqui percebemos o quanto foi desafiador para estes alunos de psicologia se colocar nesse lugar de cuidado, nas categorias anteriormente discutidas surge com bastante intensidade à mudança de paradigmas e deslocamento afetivo e visceral do estagiário:

RE 38: "... eu me questiono se algo me prepara para cada paciente novo que atendemos. Fazer plantão é estar no plantão."

Todo esse deslocamento é o que proporciona a construção da relação com o cliente não de forma planejada e técnica, mas com mudança de visão e postura na entrega do momento. Em nossa análise, o amadurecimento terapêutico foi um processo que foi se solidificando para os alunos à medida que os encontros foram acontecendo, a partir da supervisão dos casos em grupo e das pontuações dos colegas, cada estagiário/extensionista passa a perceber-se na relação, afastando-se de seu lugar de saber e oferecendo sua presença ao cliente. As narrativas que nos baseamos para a categoria relação terapêutica demonstraram o quanto a experiência de atuar como plantonista foi intensa, o quanto os alunos passam a exercitar a atitude fenomenológica de forma mais fluida esforçando-se para que a escuta fosse atenta e empática, emerge ainda que vissem algo tão intenso a cada encontro, que talvez as palavras não consigam traduzir, mas que alterou a forma de pensarem psicologia acreditando de fato na potencialidade de seus atendimentos.

Campos (2009); Rebouças e Dutra (2010); Doescher & Henriques (2012); Linares (2001); Heidegger (2012).

Essa relação terapêutica única é expressa nos relatos abaixo:

RE 36: "Em todos os atendimentos era desafiador se deparar com todos aqueles rostos... tudo aquilo me atravessava... convidando-me

a tematização e reflexão de minha própria condição existencial de finitude.”

RE 41: “A postura rogeriana de ser congruente e empático me ajuda bastante na minha arrogância de salvador de uma encruzilhada do cliente me colocando no chão e na relação. Não há salvação que possa dar conta de um choro ou uma resposta para um pedido direto do que fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo descrever como foi a experiência dos alunos de psicologia na atuação como plantonista no projeto Plantão Psicológico do LAFES. A pesquisa seguiu o método fenomenológico de análise afim de que pudéssemos chegar o mais próximo da realidade vivida e daquilo que surge a consciência dos alunos na atuação como plantonistas. Nosso objetivo com esse trabalho foi compreender que tipo de preparação ou capacitação seria necessária e suficiente para que o aluno ficasse apto para os atendimentos, além disso, buscamos entender que desafios e possibilidades essa prática proporcionou aos discentes e que contribuições para sua formação acadêmica vieram dessa experiência.

Para nos aproximar do sentido atribuído pelos terapeutas utilizamos relatos produzidos por eles ao final de cada semestre de atuação na clínica escola e também buscamos bibliografias já produzidas sobre o tema e materiais de professores estudiosos sobre plantão psicológico.

Assim, após extensivo contato com as experiências narradas e leituras sobre essa modalidade clínica de atendimento, fica claro que atuar no plantão psicológico exige uma abertura radical do plantonista ao encontro com o outro, que atuar no plantão é estar em um terreno do inesperado, pois cada encontro no plantão é único e se desenrola à medida que acontece, sem nenhuma garantia de como será. De imediato descartamos nossa hipótese inicial de que exista uma preparação previa que seja suficiente para cada atendimento, além disso, houve um deslocamento da idéia rígida de clínica tradicional que seja estruturada e delimitada no tempo para encontrar no plantão psicológico uma alternativa de atendimento em que o profissional está de fato preocupado com o cliente e que, para além das teorias que possa acumular, estarem no plantão exigiu dos alunos uma mudança de postura frente ao paciente, postura essa que fosse empática e interessada, que considerasse o homem como inserido num contexto social onde suas demandas são perpassadas por sua realidade,

além disso, uma modalidade que possibilitou desvelar de terapeutas compromissados com a ética do cuidado.

Os desafios de desconstrução de uma idéia cristalizada do que seja o atendimento psicológico, da idéia de cura e de que o saber profissional esteja acima do saber do paciente, estiveram presentes nos relatos colocando os terapeutas numa situação de medo e insegurança, mas ao mesmo tempo de liberdade para sua atuação, rompendo com seus limites e convidando a pensar um novo jeito de promoção de saúde mental para além do cumprimento de procedimentos técnicos ou padronizados.

A prática clínica e seus processos no plantão psicológico se colocam pela imprevisibilidade e por isso a experiência se tornou tão intensa. O potencial do plantão para os alunos abriu a possibilidade, a partir dos sentidos dado a experiência, de uma formação única, já que cada estagiário se percebe construindo sua trajetória de forma singular, alicerçado sem suas experiências de contato com o outro, autônomos para atuar numa lógica diferente de presença, o plantão amplia sua visão de cuidado, promove o desenvolvimento de habilidades clínicas de forma livre e autênticas. Ficou claro ainda, que os alunos compreenderam que estarão sempre em construção em sua atuação clínica e que mais do que encontrar respostas prontas para o cliente, sua presença e a radical abertura ao outro é potencialmente terapêutico no atendimento.

As seis categorias definidas, “Contribuição efetiva para a formação do futuro terapeuta”, “A cada demanda, o inesperado”, “Intensa disponibilidade para cuidar”, “Plantão como política de cuidado efetivo a população”, “Relação terapêutica única, e “Tempo, uma nova experiência”, devem ser vistas como dimensões de uma mesma experiência que contribuiu significativamente para a formação acadêmica dos alunos desconstruindo a lógica acadêmica de cuidado, e convidando a uma reflexão crítica em sua atuação que não subestime a historicidade e autonomia do cliente.

Em tempo, observamos que além de oferecer oportunidade ao aluno de psicologia para que tenha contato prático com o atendimento, o plantão psicológico oportuniza acesso e proximidade da população ao serviço de psicologia, e que o trabalho se realizado em conjunto com os equipamentos de saúde da rede pública pode ser bastante agregador para o cuidado dessa população, diminuindo filas de espera e evitando que casos de menor gravidade se tornem crônicos pela falta de acesso a uma escuta especializada e de qualidade.

Uma análise fenomenológica possibilita chegar próximo do sentido atribuído pelos atores em relação a uma vivencia empírica sem, no entanto esgotar as possibilidades de novas interpretações a partir de outras perspectivas, assim, esse trabalho não teve a

pretensão de encontrar verdades absolutas, mas iluminar alguns aspectos da experiência desse grupo de alunos na atuação como plantonistas na Universidade Federal do Ceara.

REFERÊNCIAS

- Araújo et al. (2015) Avaliando o Plantão Psicológico: percepção dos plantonistas e da equipe pedagógica. In: SOUZA, S; SILVA FILHO, F.B.; MONTENEGRO, L.A.A. Plantão Psicológico: Resignificando o Humano na Experiência da Escuta e Acolhimento. Curitiba, Editora CRV, (p. 209).
- Barra, T. Y. D. L. (2012). Experiência de psicólogos em plantão psicológico: introduzindo o atendimento a famílias.
- Borges, I. L. F., Dantas, J. B., & Brito, L. D. S. (2017). Plantão Psicológico: acolhimento e escuta na Clínica Escola da UFC.
- Braga, T. B. M., Farinha, M. G., Souza Filho, C., & Oliveira, K. (2019). Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 99-112.

- Breschigliari, J. O., & Jafelice, G. T. (2015). Plantão Psicológico: ficções e reflexões. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1), 225-237.
- de Sá Campos, A. P., & Cury, V. E. (2009). Atenção psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche. *Paidéia*, 19(42), 115-121.
- Buffon, A. D., MARTINS, M. R., & Neves, M. C. D. (2017). A fenomenologia como procedimento metodológico em pesquisa qualitativa na formação de professores. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências-ENPEC, XI, Florianópolis, SC, 3*.
- Carrilho, M. R. (2010). O cuidado como ser e o cuidado como agir. *Ex aequo*, (21), 107-114.
- Chaves, P. B., & Henriques, W. M. (2017). PLANTÃO PSICOLÓGICO: De frente com o inesperado. *Psicologia argumento*, 26(53).
- Costa, V. E., & Medeiros, M. (2009). O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. *Psicologia em estudo*, 14(2), 375-383.
- Dantas, J. B., Dutra, A. B., Alves, A. C., Benigno, G. G. F., Brito, L. D. S., & Barreto, R. E. M. (2016). Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta.
- de Oliveira Gonçalves, L., Farinha, M. G., & Goto, T. A. (2016). Plantão psicológico em unidade básica de saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(2), 225-232.
- de Souza, J. A. D. C. (2009). O artigo acadêmico-científico: como elaborar?.
- Doescher, A. M. L., & Henriques, W. M. (2012). Plantão psicológico: Um encontro com o outro na urgência. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 717-723.
- Furigo, R. C. P. L., Sampedro, K. M., Zanelato, L. S., FOLONI, R. F., BALLALAI, R. C., & ORMRUD, T. (2008). Plantão psicológico: uma prática que se consolida. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 185-192.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. *Lisboa: Fim de século*, 73-91.
- Gomes, A.G.A; Souza, S. (2015) Conhecendo a experiência do plantonista no serviço de plantão psicológico em Hospital Geral. In: SOUZA, S; SILVA FILHO, F.B.; MONTENEGRO, L.A.A. Plantão Psicológico. In Ressignificando o Humano na Experiência da Escuta e Acolhimento. Curitiba, Editora CRV,(p. 155).
- Gomes, F. M. D. (2012). PLANTÃO PSICOLÓGICO–ATENDIMENTOS EM SITUAÇÕES DE CRISE. *Vínculo-Revista do NESME*, 9(2), 18-26.
- de Oliveira Gonçalves, L., Farinha, M. G., & Goto, T. A. (2016). Plantão psicológico em unidade básica de saúde: atendimento em abordagem humanista-fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 22(2), 225-232.
- Heidegger, Martin. (2018). Ser e Tempo (4ª impressão). . Rio de Janeiro: Vozes
- Lessa, A. M., & Novaes De Sá, R. (2006). A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. *Análise Psicológica*, 24(3), 393-397.
- Linares, Rosilene. (2001). Plantão psicológico, novos horizontes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18(1), 97-103. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000100008>

- Mahfoud, M. (1999). *Plantão psicológico: Novos horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. (2010) *HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 4. ed. 4. reimp. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde.
- Mota, S. T., & Goto, T. A. (2009). Plantão psicológico no CRAS em Poços de Caldas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(3), 521-530.
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626.
- Paparelli, R. B., & Nogueira-Martins, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: ciência e profissão*, 27(1), 64-79.
- Perches, T. H. P., & Cury, V. E. (2013). Plantão psicológico em hospital e o processo de mudança psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 29(3), 313-320.
- Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: PhenomenologicalStudies*, 16(1), 19-28.
- Rocha, M. C. (2011). Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. *Revista do NUFEN*, 3(1), 119-134.
- Rudá, C., Coutinho, D., & de Almeida Filho, N. (2019). Formação em psicologia: Uma análise curricular de cursos de graduação no Brasil. *Revista e-Curriculum*, 17(2), 419-440.
- Silva, A. C. A. T. D. (2015). Excesso de peso e obesidade em crianças que nasceram com muito baixo peso: vicissitudes das práticas alimentares na infância a partir da subjetividade materna.
- Souza, B. N. D., & Souza, A. M. D. (2011). Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): Saberes e práticas compartilhados. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 241-249.
- de Souza, G. G., & Cury, V. E. (2015). A experiência de estudantes sobre a atenção psicológica disponibilizada na universidade. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 28, 221-239.
- Souza, S., & Farias, A. D. (2015). Plantão psicológico: a urgência da acolhida. *Plantão psicológico: ressignificando o humano na experiência da escuta e do acolhimento*, 15-32.
- Tassinari, M. A., & Durange, W. (2011). Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. *Revista do NUFEN*, 3(1), 41-64.
- Vieira, E. M., & Boris, G. D. J. B. (2012). O plantão psicológico como possibilidade de interlocução da psicologia clínica com as políticas públicas. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 12(3), 883-896.